

Lápides virtuais: análise das narrativas sobre a morte na rede social Orkut
Virtual tombstones: an analysis of the narratives about death in social network Orkut
por Elias Estevão Goulart e Franz Everardo Passos Pröglhöf Jr.

Resumo: Como parte das amplas transformações a que estão submetidas as sociedades pós-modernas, as tecnologias digitais da comunicação potencializam as capacidades humanas e expandem a produção e compartilhamento de capital social, sobretudo nos ambientes das redes sociais virtuais. A partir das apropriações tecnológicas, as noções de comunidade, identidade, cultura, vida, memória e até mesmo morte assumem contornos mais fluidos e possibilitam o desenvolvimento de inovações nas formas de interação e representação social, não mais restritas à territorialidade. A presente pesquisa analisa as narrativas produzidas a respeito da morte de usuários de redes sociais virtuais cujo perfil digital permanece disponível. O objetivo foi analisar uma relação de tópicos de um fórum baseado no Orkut para elucidar os discursos sobre a morte no interior da comunidade virtual 'Profiles de Gente Morta'. Para tanto, foi realizado um estudo de caso da comunidade e, a partir da composição de um corpus, as postagens do fórum foram submetidas à análise de discurso. Os resultados mostraram ricas e diversificadas abordagens do tema, ora aproximando os usuários da reflexão sobre a finitude, ora conduzindo-os às interdições que cercam a morte no imaginário.

Palavras-Chave: Comunicação; Inovação; Tecnologias Digitais; Morte; Redes Sociais Virtuais; Análise de Discurso.

Abstract: The digital communication technologies potentializes human skills and expands the production and sharing of social capital, particularly in the environments of virtual social networks. This study investigates the narratives produced about the death of virtual social network users whose profiles remains available in digital interfaces. The objective was to analyze a topics compilation from Orkut's forum to elucidate the discourses on death within the virtual community 'Profiles de Gente Morta'. Therefore, was performed a case study of the community and, from the composition of a corpus, the forum posts were subjected to discourse analysis. The results showed rich and diversified approaches of the theme, sometimes nearing users into a reflection about the finitude, sometimes leading them to the interdiction that surrounds the death in the imaginary.

Keywords: Communication; Innovation; Digital Technologies; Death; Virtual Social Networks; Discourse Analysis.

Introdução

No gigantesco universo das redes sociais virtuais, a interação entre usuários se desenvolve por meio de seu respectivo perfil digital), uma espécie de elemento representante criado, caracterizado e mantido pelo internauta no interior dos ambientes cibernéticos. O perfil digital funciona como uma segunda pele ou, parafraseando [McLuhan](#) (2005), como uma extensão do próprio corpo e mente do indivíduo. Muito além de um simples cadastro, é, simultaneamente, meio e mensagem. Para que usuário tenha acesso à rede social é preciso criar esse 'boneco' de bits, que comumente reúne um pequeno acervo de informações hipermidiáticas e autobiográficas a respeito do seu proprietário.

Diante dessas características, uma delicada situação se instala: o ser humano é mortal por natureza, mas seus vestígios e representações na rede mundial de computadores são potencialmente permanentes. Os registros deixados pelos falecidos nos perfis digitais, geralmente hospedados por tempo indeterminado em uma rede social na Internet, 'estacionaram' no tempo, pois não serão mais alimentados pelas cotidianas atualizações de status, fotos, notícias e vídeos. Nessa situação, nem que seja por um curto período de tempo, a morte, temática geralmente interdita em nossa sociedade ([Ariès](#), 1990), assume o centro das atenções. Como esses elementos do imaginário em torno da morte se manifestam nas narrativas dos usuários de redes sociais? Essa é a questão norteadora deste artigo. A despeito de o tema morte ser amplamente revestido por tabus ([Ariès](#), 2003) e evitado sempre que possível, é importante recordar que as redes sociais virtuais não são habitadas por software e interfaces, mas por milhões de pessoas, que se auto-representam e se comunicam energicamente. E é fato que muitas pessoas, usuárias ou não das redes sociais virtuais, morrem diariamente. A vida é finita, mas os rastros dos usuários e suas representações digitais podem permanecer armazenados nas redes sociais da Internet, constituindo um acervo de memória.

A noção espaço-temporal, tipicamente distinta em ambientes concretos e virtuais, torna-se distorcida já que o perfil digital perdeu sua função vinculativa e se transformou em uma espécie de lápide virtual: um espaço reservado ao despertar de lembranças e reflexões (nem sempre agradáveis) e às postagens de homenagens à pessoa que se foi e que ali permanece representada. Os registros do falecido são então fragmentados, pois o contexto original de sua produção (e utilização) é uma realidade passada. Suas referências serão interpretadas em um novo contexto e os sentidos produzidos nesta nova situação serão distintos. O presente artigo é proveniente da dissertação homônima e se debruça sobre o conteúdo verbal produzido por usuários da rede social Orkut que são membros da comunidade virtual *'Profiles de Gente Morta'* (PGM). Nesse espaço virtual, os membros postam notas de falecimentos de usuários de redes sociais com os respectivos links para acesso aos perfis digitais – agora lápides virtuais. O objetivo geral é analisar uma relação de tópicos de um fórum baseado no Orkut para elucidar os discursos sobre a morte no interior da respectiva comunidade virtual.

Como objetivos específicos, pretende-se: 1 verificar a ocorrência de sincronias entre as mensagens armazenadas na comunidade e os paradigmas sociais contemporâneos a respeito da morte; 2 relacionar o conteúdo das narrativas, sobretudo no que diz respeito à situação de falecimento, com a fundamentação teórica referente à comunicação e cultura; 3 refletir sobre o papel das tecnologias da comunicação na construção de vínculos identitários por meio de perfis digitais.

O Orkut é o mais antigo serviço de rede social virtual em atividade no Brasil e foi o maior até o final de 2011, quando foi ultrapassado pelo Facebook em número de acessos diários e em quantidade de usuários cadastrados. A *'Profiles de Gente Morta'* é um espaço simbólico de interação social que também armazena um grande banco de dados de intrincada delimitação. O universo, nesse caso, assume características fractais ([Fragoso; Amaral; Recuero, 2011](#)), sobretudo considerando as possibilidades de interferências dos moderadores da comunidade nas mensagens publicadas.

O estudo das narrativas de internautas a respeito dos perfis de falecidos assume relevância pelo fato de tais comunicações armazenarem vestígios e valores culturais que evidenciam imaginários a respeito da morte. Além disso, os usuários que nutrem interesse por investigar esses fantasmas e lápides virtuais não estão isolados na rede, mas sim agrupados em comunidades virtuais e fóruns bastante ativos. A título de curiosidade, a primeira comunidade *'Profiles de Gente Morta'* do Orkut (*já extinta*) chegou a possuir mais de 85 mil membros. Metodologicamente, a presente pesquisa é classificada como exploratória e baseia-se em pesquisa bibliográfica (*dados secundários*). A partir de um estudo de caso da comunidade virtual *'Profiles de Gente Morta'* do Orkut (*que integra a dissertação que originou o presente artigo*) e da coleta de dados primários a partir dos tópicos do fórum da comunidade, foi realizada a análise de discurso das narrativas.

Comunicação e desmaterializações na rede

Algumas características das novas tecnologias da informação e comunicação, tais como velocidade, imediatismo, interconectividade e descentralização – foram utilizadas como argumentos para sustentar uma suposta distinção entre mundo físico e mundo virtual, principalmente na década de 1990. A legitimidade das relações estabelecidas na Internet é, muitas vezes, questionada por defensores mais assíduos das relações presenciais. Vale lembrar, contudo, que a exigência da presença física dos interlocutores para que se estabeleça uma relação de interação já não é indispensável desde a invenção do telégrafo e, mais adiante, do telefone. É fato que a velocidade de transmissão e a digitalização dos dados não podem ser responsabilizadas pela suposta criação de outro mundo, externo ao físico ([Castells, 2006](#)). Cada vez menos, demanda-se a presença física para que se estabeleça uma situação de convívio social. A aparente oposição entre mundo físico e mundo virtual reserva uma verdadeira armadilha ao pesquisador que pretende estudar comunicação e Internet. O presencial e o virtual apresentam naturezas distintas, mas se atrelam a um mesmo processo quando são analisados a partir da ótica cibercultural: são partes da sociabilidade humana no universo da comunicação em rede. Em essência, o virtual existe ([Levy, 1996](#)). A transitoriedade é parte indissociável das comunicações e das construções simbólicas na sociedade informacional. Com a dissolução das categorias espaciais e temporais na modernidade, a sociedade em rede é caracterizada por uma mudança de territorialidade e por uma sociedade funcionalmente integrada a um mundo de fluxos efêmeros e virtuais de conhecimento e experiência. É uma sociedade interconectada onde o domínio cultural está especialmente orientado por sistemas integrados de mídia eletrônica ([Chambers, 2006](#), p. 131).

Os estudos sobre a Internet ainda são um campo em pleno desenvolvimento e faz-se necessário deixar de lado a pesquisa profética, as especulações e as tentativas de dissociar a Internet (por sua virtualidade) da realidade da comunicação social ([Recuero](#), 2010, p. 141). O acesso à tecnologia por si só não modifica o indivíduo, mas lhe fornece novos instrumentos para descortinar possibilidades de crescimento. Nunca é demais recordar que o homem se relaciona com a tecnologia de maneira recíproca: ele a modifica e também é modificado por ela em contextos de apropriação dinâmicos, que não se pautam pela previsibilidade. Esse é um dos motivos pelos quais não se deve olhar para a tecnologia de modo isolado ([Rüdiger](#), 2007).

Plano de Análise

A análise dos tópicos dos perfis de Gente Morta foi conduzida a partir do lugar de construção dos discursos ([Charaudeau](#), 2003) sobre a situação de falecimento para que se conseguisse determinar o lugar das condições de sua produção, buscando vestígios nas narrativas que evidenciam os interdiscursos atribuídos ao contexto sociocultural e ao imaginário pós-moderno a respeito da morte. O discurso é uma estrutura mais complexa que a mensagem, pois, diferentemente desta, ele suprime os outrora papéis de ‘receptor’ e ‘emissor’ para dar lugar aos sujeitos interlocutores – estes sim passíveis de subjetivação, argumentatividade, significações e ressignificações no interior de um determinado contexto social dinâmico ([Orlandi](#), 2005, p. 21). Na concepção de [Brandão](#) (1995, p. 12), “discurso é interação, e um modo de produção social”. No presente estudo, a análise de discurso incide sobre a mensagem, mas sem perder de vista o meio e o contexto. As constantes alternâncias de fala entre os interlocutores e também são contempladas na análise.

O recorte contempla um período de 6 meses: de 1 de maio a 31 de outubro de 2012. O critério de seleção dos tópicos analisados foi temático: a partir da situação de morte identificada logo no título do tópico. As quatro situações de óbito mais recorrentes no fórum são: homicídio (*onde se enquadram latrocínios e assassinatos em ocasiões diversas, premeditados ou não*), suicídio, acidente (*de trânsito, domiciliar, de trabalho entre outros*) e enfermidade (*adoecimentos diversos*). Para a composição do corpus foi considerado o critério de relevância de acordo com a repercussão do falecimento no interior do fórum da comunidade: ao longo dos 6 meses, os 15 tópicos que geraram maior número de comentários nas temáticas preestabelecidas foram selecionados, totalizando 60 tópicos.

Independentemente dos erros gramaticais e incompletudes, as narrativas dos usuários da comunidade foram reproduzidas no presente artigo com literalidade para evitar distorções e perdas de significado. Entretanto, os nomes, nicknames e fotos (*avatares*) dos membros da comunidade foram ocultos de modo a preservar suas identidades.

[Maigne](#) (2005, p. 85) afirma que “um texto não é um conjunto de signos inertes, mas o rastro deixado por um discurso em que a fala é encenada”. Consequentemente, a produção de narrativas (*enquanto textos*) está inserida em uma cena de enunciação (*cenografia*) específica, responsável por ambientar as interações e contextualizá-las em torno de um referente comum. Nesse sentido, pode-se afirmar que a elaboração dos discursos sobre a morte é encenada no interior da Perfil de Gente Morta, pois obedece, mesmo que minimamente, a parâmetros comunicacionais específicos e pré-determinados. O protocolo de análise ficou assim definido: *a) etapa de diagnóstico, b) eleição dos tópicos emblemáticos e c) análise de discurso. A condução da análise de discurso foi pautada pelos seguintes questionamentos: como? (modos de dizer / cenografia); o que? (conteúdo explícito e implícito); a quem? (direção e sentido da mensagem); de que forma? (uso de recursos da linguagem / estrutura dos diálogos).* Em suma, a análise contemplou tanto a pesquisa da cena de enunciação, ou seja, da influência do campo discursivo (*fórum*), do espaço discursivo (*tópico*) e da posição do interagente no ambiente virtual, quanto a alternância de contextos nos diálogos (*mudanças de assunto, falas tergiversas*) e outros atributos referentes ao significado da mensagem.

Análise de Discurso

O tópico selecionado para representar a categoria de mortes por acidente foi “- Gabriela Rodrigues-Acidente”, criado pela usuária NY em 30 de julho de 2012. De acordo com a primeira notícia postada no tópico, juntamente com o link para o perfil digital da moça no Facebook, Gabriela teria falecido após um acidente com o carro que dirigia, em Goiânia. Ela teria brigado com o namorado naquela

noite e deixou a boate, sozinha, aparentemente transtornada. No segundo tópico postado, NY expõe um fragmento de uma notícia sobre o caso que afirma que a investigação ainda está em aberto e que a velocidade em que se encontrava o veículo ainda estava sendo mensurada. Na sequência, NY deseja DEP (“descanse em paz”) para Gabriela e comenta: “Parece até fake de tão bonita que era!!”. A beleza física de Gabriela, conforme pode ser verificado no decorrer da presente análise, torna-se um aspecto recorrente nos discursos, norteador de boa parte das narrativas expostas no espaço discursivo em questão. Inúmeras mensagens isoladas de DEP estão distribuídas ao longo do tópico em diferentes datas. DA posta um novo link com o perfil digital de Gabriela Rodrigues no Orkut, precedido por uma foto da moça em pose sensual – exibindo, como para constatar, sua boa aparência no interior do espaço discursivo. Ainda no mesmo dia, NY, a criadora do tópico, publica a última postagem de Gabriela em sua conta no Twitter: *‘Vai menina, fecha os olhos. Solta os cabelos. Joga a vida. Como quem não tem o que perder. Como quem não aposta..... :D’*.

A importância cedida às últimas palavras de uma pessoa falecida é parte de uma prática cultural que envolve tal discurso em uma aura de valor e misticismo – mesmo que se trate de suas últimas palavras apenas no ambiente de uma rede social virtual. A colocação da jovem a respeito de ‘jogar’ a vida “como quem não tem o que perder”, quando analisada a partir do contexto post mortem da comunidade virtual, parece revestir o seu discurso de um caráter premonitório. Tal colocação é reforçada a partir da postagem subsequente, onde NY comunica *“dizem que as pessoas sentem que vão morrer...”* e novamente parafraseia um antigo tweet de Gabriela, que diz: *“durmo com a tranquilidade de quem sabe q Deus já conhece e ordenou o dia de amanhã...”*. Logo depois, a mesma usuária relaciona um link com o local da avenida onde Gabriela veio a óbito. Longe de adentrar no mérito da suposta premonição, é importante ressaltar que a interdiscursividade e a construção de novas narrativa a partir de outras preexistentes são práticas comuns na Profiles de Gente Morta. São inseridas em novos contextos de recepção e reinterpretadas à luz do momento presente, distanciando-as de suas condições originais de produção.

A busca pelas últimas palavras no leito de morte, últimas fotos tiradas, últimas atualizações de perfil na rede social, data, local e causa do óbito fazem parte do cotidiano dos membros da comunidade e os aproximam da busca pela compreensão das inúmeras faces que a morte pode assumir frente àqueles que permanecem vivos. Como diz [Morin](#) (1997), nunca estamos tão distantes do vislumbre de nossa própria morte do que quando nos posicionamos diante da morte do outro. Em 5 de agosto, TH realiza sua primeira postagem no tópico e inicia uma longa concatenação discursiva a respeito de Gabriela. Ele se diz chocado com o ocorrido e ressalta que a achava realmente muito linda. Considera “sinistro” o tweet premonitório de Gabriela e relaciona duas outras comunidades virtuais que ela integrava: *“Dirijo melhor que muito homem”* e *“Se beber, não dirija”*. Essa última colocação de TH acerca das comunidades virtuais revela uma ironia implícita em seu discurso, haja vista que a moça morreu justamente em uma batida de carro cuja condução estava sob sua responsabilidade. Além disso, a perícia não tinha confirmado se Gabriela havia consumido bebidas alcoólicas naquela noite.

Os dois tópicos seguintes de TH relacionam links para vídeos que Gabriela fez para o Youtube, o que demonstra que o usuário empreendeu uma pequena expedição de busca aos rastros virtuais deixados por Gabriela em redes sociais diversas para apresentar tal resultado na comunidade. Dissidente, a usuária DK nega que Gabriela fosse bonita e se posiciona no tópico com mais agressividade: *“Linda?! Bonita??? Nao vi nada demais nela, mt comum, mas já’ era entao DEP”*. Ela demonstra surpresa com o fato de outros usuários terem achado Gabriela bonita e, debochada, aponta que isso não tem mais relevância agora. Dois outros usuários gostaram do comentário, o que demonstra concordância com DK ou protesto contra os membros que fazem odes à beleza física de uma moça já falecida. A partir do dia 6 de agosto, as postagens de TH praticamente monopolizam o tópico, mantendo-o ativo no fórum da comunidade por muito mais tempo do que o usual. As mensagens com elogios à beleza de Gabriela por parte desse membro só aumentam e ele simula um romance platônico. Tal situação invariavelmente nos remete às brincadeiras com experimentações identitárias ([Giddens, 2002](#); [Haal, 2005](#)) e interativas nas redes sociais virtuais.

A conduta de TH recebeu aprovação de outros membros da comunidade e isso o tornou mais popular

entre os demais membros na cenografia discursiva, mesmo que por um curto período de tempo. O próprio usuário admite que nutre uma paixão post mortem pela vítima em um dos comentários e ri de sua “condição” de apaixonado. Muitos membros entram na brincadeira e sustentam a conversa em torno do assunto. O discurso tragicômico foi predominante no espaço discursivo estudado. O tópico permaneceu funcional enquanto os demais membros da comunidade mantiveram seu interesse em acompanhar o caso e a peculiar admiração declarada de TH pela vítima. Com relação à categoria suicídio, o tópico emblemático selecionado foi “-Meryene Davassi- Suicídio”, que foi criado em 8 de setembro de 2012 pela usuária VM e acumulou 40 comentários até o dia 27 de setembro. A escolha desse tópico em detrimento dos outros se deveu à diversidade discursiva em seu conteúdo, permeado por debates em torno de crenças religiosas, compartilhamentos de experiências de suicídio na família e discussões a respeito das formas de suicídio. O tópico sintetiza, enfim, algumas das inúmeras polêmicas que revestem o imaginário das pessoas quando se trata de uma situação de morte conscientemente autoprovocada. De acordo com a notícia de falecimento, uma garota de 19 anos pulou de um viaduto na cidade de Matão e ainda estava com vida quando foi resgatada. Ela estava deprimida e não conseguia superar a perda de um familiar. Ao contrário do que geralmente ocorre em casos de suicídio divulgados na *Perfil de Gente Morta*, as narrativas do primeiro dia não crucificavam Meryene por ter tirado a própria vida: ou eram pretensamente neutras ou, pelo contrário, apoiavam o suicídio da moça sob tais circunstâncias.

O usuário AX, por exemplo, afirma que Meryene Davassi agiu corretamente ao se matar: “... *depois de perder a coisa mais preciosa e q ela amava, qual o sentido de continuar a viver?*”. O intuito do usuário foi polemizar; lembrando que, tradicionalmente, é comum a presença de debates mais intensos no fórum quando se trata de mortes do gênero. O discurso de AX traduz a seguinte postura: a única razão de se viver reside no contato com as pessoas amadas – quando isto está ausente, o suicídio se torna aceitável. Tal ideia é reforçada quando o usuário complementa: “... *um vazio tão grande, não havia mais nada e nenhuma motivo p ela lutar e continuar vivendo, nada nessa b. mundo odiável vale a pena tirando as pessoas q a gente ama*”. A redundância se soma ao tom nitidamente depressivo em seu discurso – o que também se reproduz em narrativas semelhantes expostas pelo mesmo usuário em outros tópicos ligados a suicídios. Apesar da falta de coesão no texto, é possível pressupor que ele defende que, quando não há motivos para viver, é melhor deixar-se morrer.

A progressão da narrativa conduz a uma autoproclamação de tendências suicidas por parte de AX. Ao afirmar que algo ‘*ainda*’ o segura, está pressuposto, ou seja, linguisticamente marcado na fala do usuário, que um dia nada irá segurá-lo de também cometer suicídio. Outro traço marcante na tessitura da narrativa de AX é a revolta contra o mundo, generosamente caracterizado com adjetivos de asco e ódio. Outros usuários apreciaram o comentário de AX, que recebeu três cliques de “*Gostou?*”. Entre as narrativas de usuários que se posicionaram contrários ao suicídio, fica evidente a presença religiosa na tessitura do discurso. NA, por exemplo, questiona o destino da alma de um suicida: “essa de morrer e ir se encontrar com o falecido não existe, ela passará por um longo e penoso processo”.

O posicionamento de NA deixa em evidência sua crença na imortalidade da alma, no entanto, ao afirmar que a garota, ao cometer suicídio, não irá se encontrar com a alma de sua falecida avó, a usuária abre o precedente para a crença na existência de diferentes locais no além-vida. Ao expor, na sequência, que “*qualquer religião é totalmente contra suicídio*”, NA endossa sua postura contrária ao suicídio e busca legitimar seu argumento com base na autoridade conferida pelas religiões. Logo em seguida, a elisão do tradicional comentário DEP, substituído por “... *que Deus tenha misericórdia dessa menina*”, deixa subentendido que a alma da moça se encontra imersa em trevas e pressupõe que ela necessita de auxílio divino.

Em resposta direta, a interlocutora PO concorda com NA e deixa transparecer sua crença, passível de identificação graças ao repertório utilizado para a composição de sua narrativa: “*a que voce disse é triste mas é real... o umbral será o primeiro encontro dela no outro plano e só depois de muito tratamento espiritual que ela passará pro plano espiritual... mas reencarnará rápido e com um karma bastante difícil*”.

Umbral, plano espiritual, reencarnação e karma estão tipicamente vinculadas à fé espírita. A usuária demonstra, por meio de seu discurso, acreditar tanto na imortalidade da alma quanto no retorno à vida em outro corpo carnal. Cita como exemplo uma amiga dela que passou por muitas dificuldades – supostamente mais do que Meryene – e isso não a levou a atentar contra a própria vida. Do modo como a comparação foi colocada (“*e nem por isso jogou tudo pro alto*”) é possível deduzir que, o sofrimento não justifica o suicídio na opinião de PO. Seu discurso, que não condena a alma da moça, está permeado por lamento. PO deseja DEP a Meryene e, no mesmo dia, TH é condescendente com a colocação da usuária: “*Que Deus a tenha em um bom lugar*”. A postagem de JI, logo em seguida, deixa de lado a religiosidade e a comoção para se focar no sofrimento ligado à possibilidade de uma tentativa de suicídio malsucedida: “*ia ficar em uma cadeira de rodas sem poder se mover... ia sofrer dobrado*”. O usuário se posiciona de modo frio ao dizer que a decisão de cometer suicídio, caso já tenha sido tomada, deve conduzir de fato ao suicídio, não a tentativas. JI enumera duas razões para sua postura: “*ficar com sequelas é sofrer mais. Lembrar que você foi o causador de sua própria tragédia*”. Por fim, ele deseja “que ela um dia encontre a luz”, o que inegavelmente pressupõe, de acordo com a construção do discurso, que ela ainda não encontrou a luz e que, quiçá, jamais a encontre. O tópico emblemático selecionado para representar a categoria enfermidade foi “*Angelita Pinto- Arritmia Cardíaca*”, com 28 respostas, criado pelo membro P. A escolha se deve à repercussão que o caso alcançou na mídia de massa pelo fato de a estudante de Ciências Contábeis ter falecido dentro de uma faculdade paulistana, que supostamente demorou demais para prestar socorro à vítima. No ambiente do fórum da PGM, o tópico recebeu comentários ao longo de quatro dias, de 24 a 27 de agosto de 2012. A primeira postagem foi deveras descritiva, não contendo comentários originais do membro responsável por sua criação. É possível identificar o nome da falecida, a causa da morte, o link para seu perfil digital no Facebook e uma cópia da notícia de sua morte com a respectiva fonte.

A apropriação de um discurso na íntegra por outro interagente, neste caso, apresenta por intencionalidade iniciar o debate a respeito da morte da estudante. Ao selecionar determinadas matérias em detrimento de outras, o membro, em princípio, toma para si as opiniões ali expressas – a menos que venha a desmenti-las na sequência. A menção à fonte, prática usual dos membros da comunidade, concede credibilidade ao texto exposto, funcionando como um argumento de autoridade que tecnicamente endossa a veracidade não apenas do falecimento em si, mas também de suas causas. Ao disponibilizar o link ao perfil digital da falecida, o membro criador do tópico possibilita que os outros membros acessem, caso assim desejem, informações autobiográficas, fotos, vídeos, preferências etc. Seu espaço no Facebook, que outrora serviu à interação, agora foi transformado em lápide virtual.

Inicialmente, a culpa é atribuída aos bombeiros, mas logo adiante é transferida à faculdade, acusada de omissão de socorro pelo marido da vítima e por um delegado: “*a faculdade deveria ter realizado por meios próprios os primeiros socorros, o que não ocorreu*”. O acompanhamento das notícias a respeito do caso pela TV ganha espaço no tópico: “*DEP. Acabei de ver a reportagem no Balanço geral =/*”. Em meio aos comentários a respeito do caso, as conversas se diversificam. Tergiversando, o membro TH sobrepõe um novo contexto conversacional ao já existente no cenário discursivo, ao perguntar: “*como é que vc acham o perfil do orkut/facebook dos falecidos tão rápido, hien? kkk*”. Em resposta direta a TH, LU ressalta que a velocidade de postagem dos links na comunidade também a deixou impressionada: “*tbm fiquei de cara com a galera da comu...=D*”. Como é típico da comunicação pelas redes sociais virtuais, o uso de gírias, abreviações, smiles icônicos e interjeições caracterizam a coloquialidade da expressão. Além disso, a inserção de novos assuntos, que não estão necessariamente vinculados à temática central do tópico, expõe a não-linearidade na composição discursiva, tornando-a mais imbricada. Se, por um lado, a alternância de produtores das narrativas é claramente delineada, já que cada discurso permanece exposto ao lado de seu respectivo produtor de modo organizado, por outro nada impede que assuntos distintos sejam inseridos de repente no meio de um debate. É típico da função referencial da linguagem e deveras parecido com o que ocorre em um diálogo não-mediado quando um dos interlocutores muda bruscamente de assunto.

NU, que também se declara universitário, parece ter se identificado com a vítima e faz um desabafo: “*muito triste morrer na sala de aula e ninguém ajudar, também faço faculdade e não é nada fácil*”. A

análise desse discurso possibilita identificar um caso de ambiguidade: é muito triste morrer na sala de aula ou é muito triste ninguém ajudar ninguém na sala de aula? Essa possibilidade de dupla interpretação não se dissipa, pelo contrário, torna-se múltipla logo em seguida: não é nada fácil fazer faculdade ou não é nada fácil a falta de cooperação na faculdade? Os dois pontos que finalizam a colocação de NU cumprem o papel de reticências e deixam a resposta em aberto. No dia 25 de agosto a usuária MY criou um comentário a respeito do caso. Dada a proximidade geográfica de sua residência com o local do ocorrido, MY narra a perspectiva a partir de seu cotidiano. Em tom dissertativo, ela afirma que, em princípio, achou que não houvesse qualquer anormalidade na movimentação nos arredores da faculdade e que só foi tomar conhecimento do ocorrido no dia seguinte. Fazendo uso de interjeições e de repetidos pontos de interrogação e pontos finais (com funcionalidade de reticências), a usuária manifesta tristeza e indignação, sobretudo por saber que havia hospitais próximos. MY, concordando com outros membros, acredita que se tratou de um caso de omissão de socorro, mas indiretamente nega que o médico seja culpado. Ao questionar “*será que foi o médico mesmo?*” (*quem suspendeu a medicação – acréscimo meu*), a usuária abre o precedente para um subentendido: a possibilidade de a própria vítima ter interrompido, por conta própria, o seu tratamento. Continuando com a análise do fragmento narrativo de MY, quando ela expressa que “*tudo isso tem que ser averiguado.. Tadoo!!*”, está partindo do pressuposto que muita coisa ainda não foi averiguada. MY é a primeira e única interlocutora no espaço discursivo a oferecer seus sentimentos à família de Angelita.

No último dia em que o tópico apresentou atividades, um membro tece elogios à eficiência dos demais membros da comunidade por conta da agilidade na busca pelos perfis de falecidos, dando continuidade ao assunto da postagem de TH, três dias antes. A última postagem foi feita por P e novamente apresenta um link para um vídeo que mostraria a demora no atendimento da estudante. Nesses quatro dias de interação social desenvolvida e arquivada no espaço discursivo correspondente tópico Angelita Pinto-Arritmia Cardíaca, os membros da Profiles de Gente Morta estabeleceram diversas outras interações no interior do mesmo fórum. Quatro dias são suficientes para a criação de algumas dezenas de novos tópicos na comunidade e para a postagem de mais algumas centenas de comentários em tópicos já existentes. Possivelmente, por conta das contribuições da mídia massiva, que permaneceu com a exposição do caso por alguns dias, o referido tópico foi o terceiro mais comentado dentre os que abordavam mortes por enfermidade. Ainda assim, caducou com o tempo para ceder lugar às novas histórias de mortes de usuários de redes sociais no Brasil. O tópico emblemático selecionado para representar a categoria de homicídios foi “*Aline Zapora- Assassinada*”, com 29 comentários ao longo de 12 dias, criado por MY. Vários fatores contribuíram para aumentar o número de postagens no tópico. A garota, menor de idade, tinha apenas 16 anos, e seu namorado (*e assassino*) era seis anos mais velho. Foi um crime passionai, supostamente motivado por ciúmes, que acabou levando ao falecimento também do assassino, morto pela polícia. O crime impressiona pela violência, já que a vítima foi alvo de 30 facadas. Além disso, Aline já havia dado queixa à delegacia por violência doméstica.

A interação social começa de modo tímido, com o tradicional DEP. Apenas a partir do dia seguinte à criação do tópico, quando os membros começam a tratar de algumas especificidades do caso, é que a comunicação efervesce. Diversos posicionamentos coexistem na produção discursiva acerca do ocorrido. As primeiras mensagens estavam mais focadas na questão da diferença etária e na violência, mas, gradualmente, são inseridas no espaço discursivo uma suposta irresponsabilidade de conduta e a narração de experiências vividas aos 16 anos. A usuária VV é a primeira a lançar uma mensagem de desaprovação à vítima ao sugerir que “*tanto ele como ela naum tinha nada na cabeça*”. A colocação de VV, essencialmente polissêmica, pode tanto ter sido decorrente de uma análise do conteúdo do perfil digital de Aline no Facebook quanto de um desconforto pelo fato de uma garota menor de idade ter ido morar com o namorado. Ainda na mesma imagem, nota-se que a narrativa de MD parte do específico para o global: “*Relacionamentos hoje em dia estão cada vez piores*”. O usuário também retoma o tema do assassinato em si, previamente abordado pelo usuário JI, e enfatiza a loucura permeada na atitude do assassino.

No decorrer das interações no espaço do tópico, é perceptível uma progressiva atribuição de culpa à suposta imaturidade da própria vítima, que, de acordo com algumas das narrativas, não deveria ter se

exposto ao risco de ir morar com um namorado mais velho. No discurso de ME, os atributos negativos do namorado destacados não impedem a usuária de repreender também a vítima: “ele era ciumento, desequilibrado, e ela pelo visto, não estava nem aí p/ isso. Deu no que deu! Só nos resta dar DEP!”. Quando ME afirma “*deu no que deu*”, subentende-se que, diante das circunstâncias, a situação não poderia ter terminado de outra forma que não fosse a morte. O texto da usuária não estabelece relação de intertextualidade com uma postagem anterior de MY que afirmava que Aline estava sim insatisfeita com a conduta de seu namorado e que ia procurar ajuda na delegacia. Tal argumento é desconsiderado na narrativa de ME. O tom conservador e recriminatório também permeia o discurso de UL: “*isso não é idade pra tá saindo de casa com homem*”. A interlocutora também acusa os pais da garota de terem sido permissivos e negligentes: “*é.. e os pais? que responsabilidade deixar uma guria de 16 anos ir morar com um carinha desses*”. No fragmento discursivo destacado é possível subentender que os pais não deveriam permitir que sua filha fosse morar junto com um homem de má índole; além disso, verifica-se mais um caso de ironia, pois UL quis dizer “que irresponsabilidade”, ao falar “que responsabilidade”. Em seu discurso, a usuária imputa parte da culpa aos pais pela morte da própria filha e opina que eles “*deveriam responder por isso tbm*”. As gradativas acusações contra Aline (*provocadora, conformista, jovem e imatura*) somadas às palavras amenizadoras que sutilmente se transformam em argumentos indiretos em prol do namorado (loucura, instabilidade, ciúmes e crime passionai) podem conduzir um leitor mais desavisado por um caminho perigoso: a inversão de papéis. Os discursos de alguns membros parecem querer justificar a atrocidade cometida contra Aline e se esquecem de que ela foi a vítima.

Considerações

Os modos de conceber a morte na Profiles de Gente Morta do Orkut parecem, em certa medida, reproduzir a pluralidade de opiniões, pontos de vista, crenças e experiências com as quais nos deparamos no convívio presencial, ou seja, nas relações do dia a dia que não necessariamente demandam o intermédio das extensões comunicacionais das tecnologias de informação e comunicação. Boa parte dos significados que atribuímos à vida se desenvolve em relação à morte e vice-versa. O assunto é complexo, controverso, suscita longas discussões, mas ainda assim costuma ser menosprezado – para não dizer negado – nos círculos sociais presenciais. Sabemos da existência da morte, mas não gostamos de pensar a respeito e a interditamos. Nesse sentido, ao abrir uma fresta para o debate do tema no cotidiano, cada vez mais afetado pela velocidade e produtividade típicas da cultura e sociedade pós-modernas, as inúmeras comunidades digitalmente ambientadas que se desenvolvem na Internet têm o potencial de possibilitar o compartilhamento de experiências e visões de mundo a respeito da morte, constituindo-se em capital social. Porém, a despeito da riqueza quantitativa de postagens na Profiles de Gente Morta, nota-se uma abordagem superficial do tema originalmente proposto à discussão e um ‘*enviesamento*’ do discurso.

A morte em si praticamente desaparece em meio às inúmeras especulações, investigações, brincadeiras, links externos e mensagens de desvio de assunto. As narrativas tergiversas são modos de interditar a morte, mesmo no interior de uma comunidade composta por usuários que, em princípio, estariam dispostos a falar sobre o assunto com menos bloqueios sociais. Entretanto, a morte parece ter servido apenas como pretexto para falar sobre a vida – alheia, cotidiana, própria ou imaginada. Não raro, os usuários criaram, coletivamente, realidades que simplesmente não existem a partir de um único fato real: a morte de um desconhecido. O campo discursivo do fórum virtual é propício para desenvolver tais debates, haja vista que, pelo fato de a Profiles de Gente Morta se tratar de uma comunidade associativa, não há fortes laços afetivos que possam, porventura, inibir um membro de realizar um comentário um pouco mais polêmico.

Nenhuma das situações comunicacionais analisadas nos tópicos ao longo da presente pesquisa tratava da morte de pessoas com quem os usuários tivessem intimidade. Certamente os resultados teriam sido distintos, haja vista que, nesse outro contexto, o luto se faria presente de modo implacável. Já que não há vínculos afetivos diretos com os falecidos que batizaram os tópicos, os produtores desses novos discursos possuem um distanciamento que os garante certa margem de segurança emocional. Os falecimentos de que tratavam os membros da Profiles de Gente Morta se configuram como mortes ‘do outro’ e as narrativas construídas foram analisadas considerando tal cenografia discursiva. Nessas circunstâncias, os membros da comunidade não experimentam um processo genuíno de luto – já que

não houve de fato uma perda. Eles se colocam na posição de espectadores, ou seja, estão virtualmente distante da ideia da própria morte. Por essa razão houve, inclusive, espaço para manifestações de entretenimento por parte dos usuários.

A análise mostrou que os deboches e ironias, encontrados em diversas ocasiões nos discursos publicados na *Profiles de Gente Morta*, evidenciam não apenas o deslocamento da narrativa para um momento de descontração, mas também a intencionalidade de descontextualizar o assunto, talvez para apaziguar a impressão negativa que a morte costuma desencadear. Quando esse era o intuito, se fizeram presentes no espaço discursivo tanto a ideia de negação da morte quanto o seguro papel de mero espectador diante da morte de alguém. É curioso, mas já era previsível, que os tópicos com mais repercussão tenham sido aqueles que tratavam da morte de pessoas de pouca idade, boa aparência física e, supostamente, boa índole. Isso remete à percepção social de morte prematura, deixando subentendido que o bom, o belo e o jovem estariam mais distantes da mortalidade do que o mau, o feio e o velho. Em nossa cultura e imaginário ocidentais a morte dos mais jovens é encarada como antinatural. Tal situação de estranheza social se confirmou na análise do fórum da comunidade.

A questão do gênero também exerceu seu peso: as mulheres falecidas, em detrimento dos homens, foram as principais protagonistas dos tópicos mais movimentados. A circunstância da morte, quando fornece contornos de um mórbido espetáculo, também potencializa a repercussão, bem como a exposição do ocorrido na TV. A investigação por informações a respeito dos falecidos em meio a notícias e perfis digitais pareceu representar uma busca pelo conhecimento sobre a vida através da interação social em rede por meio das tecnologias digitais de comunicação. Há milhares de anos o ser humano produz narrativas sobre a morte em sua tentativa de compreendê-la. A linguagem e os suportes variaram imensamente, desde os ancestrais pictogramas na pedra até os recentes códigos binários em interfaces digitais na rede, mas a motivação pouco mudou. A cultura da interdição do tema, responsável por revesti-lo de tabus, reforçar superstições e fomentar atitudes preconceituosas relacionadas à morte, enevoam a busca pelo seu entendimento. Longe de se mostrar conclusiva, a presente pesquisa, por ora, se encerra na esperança de ter, de algum modo, contribuído com os inúmeros estudos já existentes sobre a morte nas redes sociais virtuais.

Referências Bibliográficas

- ARIÈS, Philippe. História da morte no ocidente. Rio de Janeiro: Ediouro, 2003.
- _____. O homem diante da morte. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1990.
- BRANDÃO, Helena H. N. Introdução à análise do discurso. 4ª ed. Campinas: Editora da Unicamp, 1995.
- CASTELLS, Manuel. A Era da informação: economia, sociedade e cultura. Vol. 01 - A sociedade em rede. 9ª ed. São Paulo: Paz e Terra, 2006.
- CHAMBERS, Deborah. New social ties: contemporary connections in a fragmented society. New York: Palgrave Macmillan, 2006.
- CHARAUDEAU, Patrick. El discurso de la información: la construcción del espejo social. Barcelona: Gedisa Editorial, 2003.
- FRAGOSO, Suely; RECUERO, Raquel; AMARAL, Adriana. Métodos de pesquisa para Internet. Porto Alegre: Sulina, 2011.
- GIDDENS, Anthony. Modernidade e identidade. Editora Zahar. Rio de Janeiro 2002
- HALL, Stuart. A identidade cultural da pós-modernidade. 10ª ed. Rio de Janeiro: DP&A, 2005.
- LEVY, Pierre. O Que é Virtual?. Rio de Janeiro: Editora 34, 1996.
- MCLUHAN, Marshall. Os meios de comunicação como extensões do homem. 14ª ed. São Paulo: Cultrix, 2005.
- MORIN, Edgar. O homem e a morte. Tradução de João Guerreiro Boto e Adelino dos Santos Rodrigues. Rio de Janeiro: Imago, 1997.
- ORLANDI, Eni Puccinelli. Análise de discurso: princípios e procedimentos. 6ª ed. Campinas: Pontes, 2005.
- PEREIRA, Vinícius Andrade. Estendendo McLuhan: da aldeia à teia global. Porto Alegre: Sulina, 2011.

PROFILES DE GENTE MORTA. Comunidade virtual da rede social Orkut. Disponível em:

<http://www.orkut.com.br/Main#Community?cmm=122228887> Acesso em: 19 nov. 2012.

RECUERO, Raquel. Redes sociais na Internet. Porto Alegre: Sulina, 2010.

RÜDIGER, Francisco Ricardo. Introdução às teorias da Cibercultura: perspectiva do pensamento tecnológico contemporâneo. Porto Alegre: Sulina, 2007.

Sobre os autores / About the Author:

[1] Elias Estevão Goulart e [2] Franz Everardo Passos Pröglhöf Jr.

Email de referência: profelias_fsa@yahoo.com.br e proglhof@yahoo.com.br

[1]Doutor em Engenharia Elétrica pela USP e Pós-Doutor pela University of British Columbia, docente no curso de Mestrado em Comunicação da Universidade Municipal de São Caetano (USCS), líder do grupo de pesquisa Estudos das Tecnologias da Informação e Comunicação. [2] Mestre em Comunicação pela Universidade Municipal de São Caetano (USCS), membro dos grupos de pesquisa Estudos das Tecnologias da Informação e Comunicação e Comunicação e Linguagem (COLING – UMESP).